

CANNES/Entrevista

A amazônica aventura de Ruy Guerra

CANNES - Hoje, às oito da noite, bora da Côte d'Azur, "Kuarup", de Ruy Guerra — produção brasileira de US\$ 5,5 milhões —, começa a enfrentar seu grande teste de fogo internacional. Será projetado para os representantes da aldeia global, em cópia com legendas em francês. Até este momento não está confirmada a exibição de uma cópia simultânea com legendas em inglês para a imprensa anglo-saxã. Não é um mero problema formal. Em Cannes, os ingleses e americanos não suportam ver filme com legenda em francês e tradução simultânea. Estão na deles — como dominadores do mercado. Os produtores de "Kuarup" trouxeram uma cópia com legendas em inglês, mas não foram avisados — ou não se informaram — para organizar a projeção suplementar para a imprensa. Ruy Guerra chegou de Paris na sexta-feira à tarde e imediatamente recebeu a imprensa brasileira, na vila a 10 km de Cannes na qual está hospedado com a equipe. A seguir, a sua palavra

Pepe Escobar

Especial para o Estado

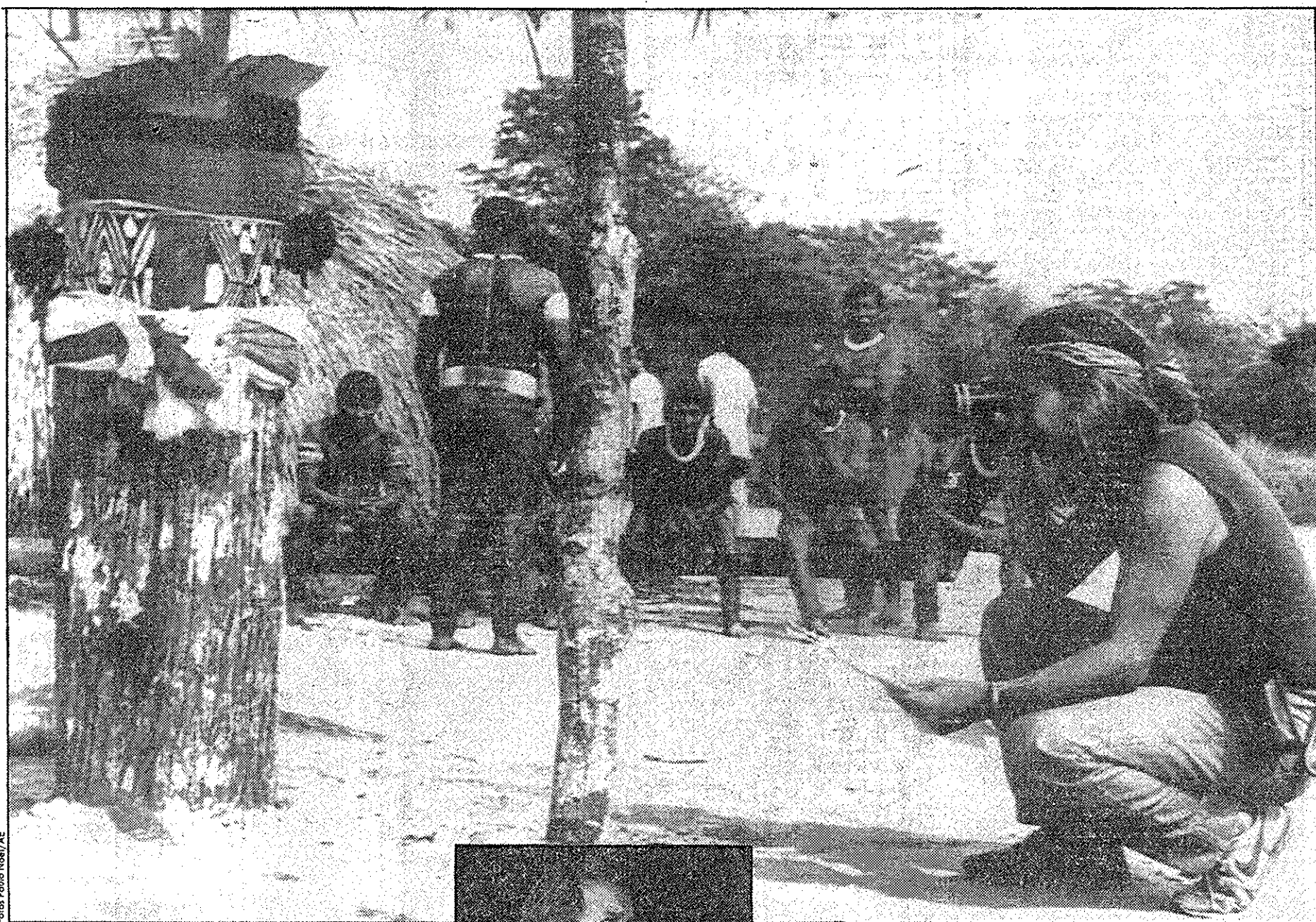


Foto: Paulo Nod/VE



Caderno 2 — Kuarup foi muito mal recebido pela crítica brasileira. A que você atribui esta reação?

Ruy Guerra — Acho que, primeiro, quando se fala de crítica brasileira, infelizmente não temos uma. Existem mais pessoas que escrevem sobre cinema, mas infelizmente não gostam de cinema brasileiro, não vêem os filmes e, quando pensam em ver um filme, já estão cheias de preconceitos. Não vou fazer uma crítica à crítica. Ela tem todo o direito de se manifestar, de pensar. Gostaria que ela pensasse de fato e fizesse análises críticas. E não impressões sobre um trabalho longo e complexo como o cinema. Gostaria que quem escreve nos jornais tivesse mais respeito com a posição que eles mesmos ocupam. Podem detestar, têm todo o direito, mas façam isso com isenção. Levamos dois anos para fazer o filme e o mínimo que a gente pode exigir é que levem duas horas para pensar no filme. O que vi foram coisas muito contraditórias.

Caderno 2 — Você poderia citar algum exemplo?

Ruy Guerra — Não, farei a crítica da crítica com o respeito que a crítica merece. Quer dizer, dedicando horas de trabalho a isso. Pegarei, analisarei as críticas. Vou dar o respeito às críticas que não foi dado ao filme. Não quero cometer o mesmo erro deles, com levandade.

Caderno 2 — O fato de o filme ter uma apresentação européia no momento em que o Brasil está mergulhando em um subnacionalismo de quinta categoria, e a Amazônia virou uma área mais perigosa do que todas as áreas de risco do Primeiro Mundo foi um problema ou um benefício?

Ruy Guerra — Eu acho que o problema existe. Eu gostaria que não houvesse nenhum desses problemas e o filme perdesse a atualidade em função desses problemas estarem resolvidos. Quando este filme foi feito, uma das coisas que nos preocupavam era justamente contribuir para uma análise de todos estes anos e o que gerou esta situação. O livro do Callado é sobre isso. Você toca em um ponto que me deixou muito surpreso, que quase ninguém toca: o aspecto fundamental deste filme é propor um debate em um determinado nível. A crítica em geral ficou em um âmbito muito periférico.

Caderno 2 — Enquanto você estava filmando, essas contradições eram conscientes o tempo todo ou eram uma coisa latente?

Ruy Guerra — Eu quis fazer este filme em 1970. Se eu consegui fazê-lo 18 ou 19 anos depois, é porque alguma permanência existe. As pessoas estão falando muito de ecologia. Não há nenhum modismo — não tenho nenhuma bandeira ecológica. Acho

que qualquer proposta política real engloba o conceito de ecologia. Como qualquer proposta ecológica está embutida em um processo político. Este é um livro que considero entre os mais importantes das últimas décadas — o processo da sociedade brasileira nos anos 50, 60 até o golpe, e, evidentemente, isso é uma coisa muito presente para mim.

Caderno 2 — Até que ponto você acha que este processo pode te ajudar ou atrapalhar em Cannes?

Ruy Guerra — É uma faca de dois gumes. Se as pessoas estão pensando que vão ver um filme ecológico — diz um crítico que é um "fracasso antropológico", e felizmente, porque não quis fazer um filme antropológico, pelo contrário, tenho horror de antropológico, quando alguém diz isso numa crítica fico satisfeito... Se as pessoas pensam que há um debate específico sobre a Amazônia, vão ficar frustradas. O índio tem uma presença, mas não é a presença principal, não estamos debatendo o problema do índio. Tudo depende do preconceito que a pessoa coloca frente a tudo isso. É um filme sobre uma política brasileira, não vinculado à defesa ecológica específica, dirigida.

Caderno 2 — Antônio Callado disse que a cena do depoimento de um índio, no filme, é a única que ele não assinaria embaixo. Você pode explicar rapidamente a cena?

Ruy Guerra — Posso. Eu achei que havia uma necessidade de atualizar ao problema ecológico. Por acaso tinha acabado uma grande parte do filme quando assisti no Dia Nacional do Índio uma exposição da União Nacional do Índio e achei que dava uma síntese muito bonita — um português impecável, uma justeza de pensamento... Achei que era interessante que houvesse uma voz índia dentro do filme que colocasse um pouco essa posição. Fiz questão até que fosse uma coisa meio fora do filme, um portrait integrado na narrativa dramática, um depoimento.

Caderno 2 — Houve, desde o início, a preocupação de fazer uma produção para o mercado internacional, ou a idéia expandiu-se durante o projeto?

Ruy Guerra — Hoje você não pode fazer cinema para mercado nacional. O mercado latino-americano é inexistente.

Caderno 2 — Vai ser lançada uma griffe com o nome Kuarup?

Roberto Fonseca (produtor) — Não, não existe



Ruy Guerra se defende da crítica: "Quando se fala de crítica brasileira, não temos uma. Existem pessoas que escrevem sobre cinema, mas não gostam do brasileiro"

nada combinado. Existe alguma proposta...

Caderno 2 — Quem propôs?

Roberto Fonseca — Nós não podemos dizer. Foi um costureiro internacional, que está querendo usar a marca Kuarup. Mas não há nada marcado. Ele é francês.

Caderno 2 — Você está a par da movimentação que o Aritana está fazendo no Brasil para impedir a saída do filme?

Ruy Guerra — Estou. Os contratos foram todos cumpridos. Os acordos posteriores, também. Nossas relações pessoais com os índios, não só minhas como de toda a equipe, são as mais cordiais, respeitadas e amistosas. Agora, existem outras reivindicações, que estão surgindo e podem ser atendidas no limite do possível. Mas é uma coisa que não tem fim.

Roberto Fonseca — Eu gostaria de acrescentar que tendo sido citado nominalmente pelo Aritana, quando ele fala que, inclusive, tem uma fita gravada minha em que eu transmiti coisas para ele... É verdade: eu mandei a fita para ele. Não foi que nós tivemos uma conversa. Eu fiz uma carta para ele, uma carta oral, porque nós fizemos um acordo de produção integralmente e rigorosamente cumprido. Paralelamente, fizemos uma instituição de forma espontânea, sem nenhum índio pedir. Uma fundação privada que pudesse cumprir um papel, junto com o Parque Nacional do Xingu, de tirar o parque do abandono a que está relegado pelo governo. O governo não tem recursos e não tem interesse de colocar o parque em uma situação decente, desde que Orlando Villas-Boas se aposentou em 1982. Convidamos para presidente da fundação ninguém outro que o próprio Villas-Boas, que aceitou, vendo a seriedade do projeto.

Caderno 2 — Você acha que é negativo para Kuarup ser exibido no último dia do festival? E como você encara o festival em si, com toda a badalagem?

Ruy Guerra — O festival de Cannes é um festival que cada vez tem aliado mais todas as cinematografias que não são dominantes. Antigamente, passava um filme argentino, um brasileiro junto. Agora, quando passa um argentino, não passa um brasileiro, quando põem um mexicano já não põem um argentino. Existe cada vez menos espaço para a América Latina. Somos uma cinematografia que não tem peso e poder de impor nossas próprias leis nesta conjuntura, deste jogo econômico e político fortíssimo, que vocês conhecem muito bem. Este é um festival que passa três, quatro filmes franceses, três, quatro filmes ita-

lianos — mais de 50% dos filmes em competição pertencem a três países. É um festival em que os vários espaços de prestígio são para filmes fora de competição — o que acrescenta mais filmes americanos... Onde está presente o cinema da Argélia, da Indonésia?

Caderno 2 — O júri este ano é uma garantia da qualidade?

Ruy Guerra — Acho que tem alguns nomes que respeito como produtores de cultura, seja o Wim Wenders, o polonês Kieslowski, seja o Babenco, o Peter Handke. Sally Field eu não conheço, só como atriz. Acho que o festival não corre riscos. Já caiu nessa arapuca há vários anos — domina o lado industrial, independentemente da qualidade do júri ou dos filmes selecionados, que, acredito, obedecem a uma série de critérios regionais. Acho que predomina uma visão de mercado.

Caderno 2 — Vocês já foram procurados por distribuidoras européias e americanas?

Roberto Fonseca — Já. Em Paris nós mostramos o filme para alguns distribuidores, especialmente franceses. Nós estamos esperando o fim do festival para concluir os negócios.

Caderno 2 — E em relação ao mercado americano? Há alguma grande distribuidora interessada no filme?

Roberto Fonseca — Há. Mas não posso dizer. Mas posso dizer que é gente grande, um estúdio grande.

Ruy Guerra — Há um dado para o qual eu queria chamar a atenção. Há uma visão de que este é um filme megalômano, grande produção. Primeiro: dentro do mercado internacional, não é. Dentro dos critérios americanos, é considerado um low budget film, tem menos da terça parte do orçamento de um filme médio americano. Não é nenhuma arrogância, como dizem aí. Falaram em uma resenha de uma "arrogância". Segundo: as nossas condições de filmagem foram tais que se gastou muito dinheiro na logística. Nós poderíamos ter filmado em uma selva próxima a Rio ou São Paulo, e ele custaria quatro vezes menos. Não há nada de luxo. Tivemos de levar até água para lá. Cenários construídos no Rio tiveram de ser transportados de caminhão durante quatro dias, pela estrada, depois balsa, as balsas encailhavam... Simplesmente para estarmos em um lugar real. Fizemos questão de tratar essa matéria com o maior respeito. Os únicos índios que não são verdadeiros têm até o nome de juruês — que é uma palavra índia, para dizer que são falsos. Fazem parte de uma coisa dramática, que não dava para filmar com os índios. Os americanos não fariam este filme por menos de 20 milhões de dólares.

Caderno 2 — Qual foi a sua maior dificuldade para fazer Kuarup?

Ruy Guerra — Encontrar os produtores. Demorei 19 anos para encontrar. Dezoito anos...

Caderno 2 — E esta campanha internacional espetacular sobre a Amazônia — índios na Europa, má consciência... Qual sua opinião?

Ruy Guerra — Vocês sabem como o europeu faz isso. Sem a mínima culpa, sem a mínima responsabilidade. Acontece que a Europa já devastou o continente africano inteiro. Os europeus já tiveram uma grande responsabilidade na Ásia. E têm uma enorme responsabilidade no continente americano. Inclusive, eles fazem como se tudo fosse uma responsabilidade puramente política de governos latino-americanos, como se esta economia mundial, da maneira que o sistema está montado, não determinasse o devastamento. Se há alguém responsável pela situação da Amazônia hoje, mais fundamentalmente, são os grandes grupos do capital, entre os quais os grupos do capital europeu são extremamente presentes.



Sobre os índios e as filmagens no Amazonas: "Fizemos questão de tratar essa matéria com o maior respeito"